

**BIOGRAFIAS POLITIZANTES: A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE
TRANSNACIONAL COMO INSIDERS OUTSIDE¹****POLITICIZING BIOGRAPHIES: THE FORMING OF
TRANSNATIONAL SUBJECTIVITIES AS INSIDERS OUTSIDE**Diana Mulinari²Nora Rathzel³**Resumo**

Tomamos nossas próprias histórias de vida como pontos de partida para observar maneiras pelas quais mulheres foram politizadas na Argentina e no Oeste da Alemanha (nossos respectivos países de origem), focando tanto nas similaridades quanto nas diferenças de nosso processo de politização. Nosso intuito é colocar em uma perspectiva histórica as discussões atuais sobre movimentos políticos globais. Também queremos evidenciar a centralidade das identidades políticas na construção de subjetividades específicas (de gênero). Nosso foco consiste em refletir teoricamente sobre as maneiras pelas quais identidades (de gênero) privilegiadas releem criticamente suas próprias posições e transformam o próprio entendimento sobre elas mesmas e o mundo, através do campo da política. Metodologicamente, queremos contribuir com as formas de repensar as metodologias feministas pela experimentação de uma forma de análise na qual nós somos, alternadamente, o sujeito e o objeto do nosso processo de pesquisa. O objetivo dessa intervenção é transgredir as oposições binárias entre pesquisador/pesquisado e desafiar compreensões tradicionais da ciência social em que os pesquisadores fornecem análises e os informantes têm a “vivência”. Uma de nossas conclusões é que o movimento de 68 forneceu posições subjetivas para normalidades alternativas de vida como “outsider”, neste caso, para aqueles que pertenciam a grupos normalizados nas suas respectivas sociedades, mas que por diferentes razões (as quais nós analisamos algumas como sendo relativas à nossa formação como “mulheres”) não poderiam se identificar com as normalidades dominantes oferecidas a eles nesses grupos. Ao mesmo tempo, o instrumental masculino dominante do movimento desconectou (algumas) mulheres e lhes permitiu (ou forçou-as a) um tipo de

¹ Agradecemos à Revista Feminist Review pela cessão do artigo "Politicizing Biographies: The Forming of Transnational Subjectivities as Insiders Outside", publicado no número 86, ano 2007. Tradução de Breilla Zanon e revisão técnica de Beatriz Alves Leandro.

² É professora associada em sociologia, trabalha no Center for Gender Studies (Centro para estudos de Gênero) na Universidade de Lund (Suécia). Ela tem escrito extensivamente sobre gênero e “desenvolvimento” na América Latina e sobre intersecções de gênero, “raça”/etnia e classe no contexto do Estado de Bem-Estar Social sueco.

³ É professora de sociologia, trabalha no Departamento de Sociologia da Universidade de Umeå (Suécia). O trabalho da autora é muito amplo e vai desde estudos que exploram as mudanças na organização da produção e seu impacto na vida cotidiana das mulheres e homens a estudos que analisam o(s) racismo(s) e repensam o feminismo no contexto europeu.

engajamento distante que, talvez paradoxalmente, consistiu na base para sustentar suas subjetividades políticas através de experiências transformadoras de derrota.

Palavras-chave: Subjetividades políticas; geração de 68; metodologia; histórias de vida; informantes externos; gênero.

Abstract

We take our own life stories as points of departure to look at some of the ways in which women were politicized in Argentina and West Germany (our respective countries of origin), focusing on similarities as well as differences in our politicization processes. We aim at putting present discussions about global political movements into a historical perspective. We want also to illuminate the centrality of political identities in the construction of specific (gendered) subjectivities. Our focus lies on theorizing the ways through which privileged (gendered) identities critically re-read their own position and transform their own understanding of themselves and the world through the field of the political. Methodologically, we want to contribute to ways of re-thinking Feminist methodologies by experimenting with a form of analysis in which we are alternately the subject and the object of our research process. The aim of this intervention is to transgress the binary oppositions between researcher/researched and challenge traditional understanding of social science where researchers provide analysis and informants have ‘experience’. One of our conclusions is that the 68 movement provided subject positions for living alternative normalities as an ‘insideroutside’, that is, for those who belonged to normalized groups in their respective societies, but for different reasons (of which we analyse some concerning our formation as ‘women’) could not identify with the dominant normalities offered to them. At the same time, the dominant male instrumentality of the movement estranged (some) women and allowed them (or forced them into) a kind of distanced engagement that, perhaps paradoxically, provided a basis for sustaining their political subjectivities through transformative experiences of defeat.

Keywords: political subjectivities; 68 generation; methodology; life stories; insider-outside; gender.

A *New Left Review* publicou um artigo no qual se refere à ‘desiludida “geração de 68”’, em que o termo desiludida significava a perda de fé nas mudanças do mundo (DEWS, 2004). Enquanto a “geração de 68” costumava ser odiada por “protestar até que não houvesse nada mais para protestar” (como um cantor pop alemão criticou, sem perceber a ironia), agora ela se transformou na personificação de uma geração derrotada, de “renegados” ou “veteranos” dogmáticos.

Nas narrativas acerca da “anti”-globalização, existe um silêncio em torno da experiência comum global da esquerda durante os anos de 1960 e 1970 (expressas em

redes, conceitos inconstantes, produtos culturais)⁴. Queremos nos engajar nas ciências sociais tentando transcender o foco limitado sobre o Estado-nação (WALLERSTEIN ET ALL., 1996) que, em especial na Escandinávia, geralmente constitui o ponto de partida das análises. Em descompasso com qualquer uma das categorizações dominantes sobre a “geração de 68”, decidimos embarcar em um projeto de reconstrução, começando pelas nossas próprias histórias de vida. Queremos relacionar criticamente a práxis do distanciamento dos intelectuais aos seus próprios passados ou, para colocar de forma sarcástica, à narrativa de intelectuais de esquerda na busca desesperada por respeitabilidade (PETRAS, 2001).

A história oral como a “arte do diálogo” (PORTELLI, 1997a) parece ser a ferramenta apropriada para o que buscamos. Nós nos situamos em uma tradição de intervenções reflexivas, em que teoria e processos de pesquisa são dependentes uns dos outros. Empiricamente, esse artigo baseia-se em nossas histórias de vida, que tanto coletamos quanto narramos, sendo alternadamente o sujeito e o objeto do nosso processo de pesquisa. Nosso primeiro passo de análise foca-se nas interconexões e rupturas em nossas trajetórias de vida, de maneira geral, e no campo da política, em particular. Nós queremos entender não só as experiências compartilhadas e variadas de politização, mas também as experiências compartilhadas e variadas de sustentação e transformação das identificações políticas através do tempo e espaço. Não é preciso dizer que não temos o intuito de formular leis gerais de politização ou que queiramos fazer generalizações com base em nossas experiências. Ao contrário, queremos construir uma discussão sobre duas dentre as *diversas possibilidades*⁵ para se tornar – e permanecer – politicamente engajado. Desta forma, assim como Haug et al. (1987) escreve, experiências individuais não são tão excepcionais quanto nós estamos acostumados a vê-las. Os processos sociais pelos quais nos tornamos indivíduos e o fato de que o número de opções disponíveis é limitado desaparecem no conceito de individualidade tal como o conhecemos:

Nós vivemos de acordo com uma série de imperativos: pressões sociais, limitações naturais, o imperativo da sobrevivência econômica,

⁴ O Volkswagen-stiftung está fundando um projeto no qual estuda as relações entre protestos políticos durante os anos 60 e 70 na Alemanha Ocidental e nos Estados Unidos – dessa forma, se concentrando nas relações entre membros do "Ocidente". <http://hsozkult.geschichte.hu-berlin.de/projekte/id/4140&count=134&recno/41&sort/4beit>, acessado em 11 de Abril de 2007.

⁵ Para uma discussão sobre as considerações subjetivas como reveladoras de uma gama de ações possíveis dentro de um espaço-tempo, ver Portelli (1997b)

as condições dadas pela história e pela cultura (...). É dentro do domínio da produção coletiva que a experiência individual se torna possível (...). O que nós entendemos como maneiras “pessoais” de adaptação ao social são também potencialmente modos generalizáveis de apropriação. (HAUG ET AL., 1987 : 43)

O conceito “generalizável” quando oposto a “generalização” revela o potencial das ações individuais em *se tornarem* gerais, ao invés de *serem* gerais: uma vez que foi possível aos indivíduos – ou até mesmo a um indivíduo – agir de um modo específico, isso implica que outros em contextos similares podem agir de forma semelhante. De fato, assim como nossas análises da história de vida de cada uma de nós irá mostrar, apesar de termos atuado em contextos sócio espaciais diferentes, alguns aspectos (importantes) de nossa experiência foram bem parecidos. Isso, nós diríamos, não foi acidental, mas teve relação com o fato de que em alguns aspectos, devido ao processo de globalização, as maneiras pelas quais nós desenvolvemos contra-culturas dissidentes, nossos contextos, também foram semelhantes.

Combinando história oral e metodologias feministas

Em várias intervenções feministas anteriores, alastrou-se o argumento de que a experiência da mulher havia sido excluída do quadro de disciplinas. Intelectuais feministas se confrontaram, por exemplo, com as seguintes questões: como essas experiências poderiam ser contadas e discutidas sem que se reproduzisse o que (10 anos mais tarde) seria chamado de narrativa dominante da ciência? Como essas experiências poderiam ser registradas nas análises das ciências sociais de maneira que pudessem desafiar a divisão entre aqueles que têm a experiência e aqueles que as analisam (LEWIS, 1996; COLLINS, 1998; BHAVNANI, 2001)? Como as experiências poderiam ser inscritas nas análises das ciências sociais de modo que os mitos sobre os pesquisadores conhecerem “suas pessoas pesquisadas” pudessem ser desafiados de várias formas, de maneira que o conhecimento das pessoas sobre elas mesmas e o mundo em que vivem pudesse ser enfatizado?

Frigga Haug et al (1987), Cynthia Cockburn (1998) e Dorothy Smith (2005) estão entre as muitas que têm desenvolvido maneiras de resolver a oposição existente entre investigador e conhecimento, sujeito e objeto. Haug introduziu o trabalho de memória dentro do campo da sociologia com o intuito de explorar as subjetividades das

mulheres de modo que permitissem às investigadoras feministas ultrapassar as barreiras entre o pesquisador de pensamento racional e o informante (irracional) sentimental. Aqui, os pesquisadores tomam suas próprias histórias como ponto de partida para análises realizadas coletivamente. Cynthia Cockburn (1998) explora (através do uso das novas tecnologias interacionais) formas colaborativas e inovadoras de escrita, transformando o “material empírico” por meio de negociações entre pesquisadores e pesquisados. O conceito de etnografia institucional de Dorothy Smith (2005) foca na evolução do conhecimento que parte de posições específicas na literatura das ciências sociais. Pesquisadoras feministas têm explorado também as políticas por trás da escrita sobre si mesmo através do uso de (auto)biografias (STANELY, 1992), assim como a inclusão de novas formas de expressões culturais como a poesia ou a arte na composição de experiência(s), semelhante ao trabalho de feministas Chicanas e Negras como Gloria Anzaldúa (1999) e Bell Hooks (2005). É nessa tradição de intervenções feministas que gostaríamos de situar nosso trabalho.

Por um lado, nós estamos seguindo as formas tradicionais de contar e analisar histórias de vida: primeiramente, respeitando os limites entre aquele que ouve e aquele que fala; e, em segundo lugar, respeitando a regra segundo a qual aquele que ouve é também aquele que analisa.

Por outro lado, inspiradas por intervenções feministas nessa área (BEHAR, 2003; MOHANTY, 2003), nós também rompemos com a tradição de diversas formas. A primeira diz respeito à equalização das relações de poder, invertendo os papéis na segunda parte da pesquisa: aqui, o ouvinte prévio toma a posição de contador da história, enquanto que o prévio contador da história toma a posição de ouvinte. A segunda ruptura diz respeito a uma exploração e ampliação dos limites entre auto-posicionamento e distanciamento: nós usamos nossos próprios nomes quando falamos sobre experiências presentes e, com o intuito de delimitar o distanciamento entre nós hoje e quem fomos no passado, usamos o método tradicional de trocar os nomes do entrevistado nas análises de histórias de vida. Entendemos e nos desculpamos pela dificuldade que isto acarreta na leitura do texto. No entanto, essas estratégias foram importantes para nós pelo fato delas nos possibilitarem problematizar e estender o desafio do dualismo ainda presente entre o sujeito e objeto da pesquisa.

Nós tivemos diversas razões para colocar em funcionamento a ideia desse

projeto. Por um lado, compartilhamos uma inquietação com diferenças fixadas que separam as pessoas (branco-negro/hetero-homo/Primeiro Mundo-Terceiro Mundo). Esta inquietação não está baseada na resistência em reconhecer as relações sociais de classe, gênero e etnicidade que moldam e constroem oportunidades de vida e formas de vida, mas em uma crítica à falta de teorização dentro das tendências hegemônicas da teoria feminista dos processos (geralmente nos movimentos sociais) nas quais os indivíduos transcendem ditas categorias. Acima de tudo, ambas compartilhamos uma ambivalência em relação à disciplina que estuda os “outros”; especialmente uma vez que ambas pertencem (quando não classificadas como pesquisadoras) a algumas categorizações desses “outros” – cada uma de nós de diferentes maneiras.

Apresentando nossas reflexões, nós esperamos estender o diálogo com outras/os, que podem estar interessados em questões sobre a politização, a formação de gerações, e uma história da globalização de uma perspectiva dos “debaixo”. Foi essa última questão que se colocou no início de nossa investigação: Como aconteceu que duas pessoas que cresceram em continentes diferentes acabassem por trabalhar juntas em um projeto sobre feminismo global, com a sensação de que elas abordavam as questões de uma maneira muito similar? Poderíamos sugerir que nos encontramos porque somos sociólogas na Suécia, mas também pode-se argumentar que nossa colaboração hoje é baseada em formas de identificação transnacional e experiências compartilhadas estabelecidas em nossa participação prévia em um movimento social global. Enquanto estudos sobre movimentos sociais globais proliferam, limites e diferenças entre o que foi nomeado, ao invés de sistematicamente pesquisado como experiências políticas radicalmente diferentes e até mesmo opostas, reforçam classificações como o “Ocidente” e o “Resto”. Referimo-nos a duas noções de diferença aqui: de um lado, há o Ocidente dominante que se constrói em oposição ao Outro exótico, reconhecidamente analisado em *Orientalismo* (1979) de Said.

Por outro lado, existe a noção desenvolvida por grupos subordinados como feministas negras ou intelectuais pós-colonialistas, na qual o conceito de diferença é usado para criticar e desmistificar o discurso hegemônico baseado em um universalismo que edifica o Ocidente como a norma. Enquanto reconhecemos a importância vital dessas intervenções para uma análise crítica, nós queremos questionar o que as diferenças significam em diferentes contextos. Fazemos isso por meio da identificação

de históricas intersecções, em que experiências classificadas como diferentes foram recriadas como identidades coletivas comuns. Assim, nós focamos aqui nos elementos de nossa politização que vemos como semelhantes, ao invés de enfatizar aqueles que podem ser vistos como diferentes. Estamos conscientes que o termo politização inclui qualquer tipo de consciência política, independente de crítica às estruturas dominantes. De qualquer maneira, neste artigo estamos usando o termo como sinônimo de um processo no qual os indivíduos se tornam críticos em relação às estruturas dominantes e começam a desafiar as relações de poder existentes numa perspectiva de autodeterminação e igualdade. Em outras palavras, observamos o desenvolvimento daquilo que poderíamos chamar, de maneira muito geral, subjetividades de esquerda.

Nós nos concentramos em três dimensões da nossa história de vida: (1) infância e aprendizado sobre diferença: a formação do *insider-outside*; (2) “Tornando-se politizada”: criando normalidades alternativas; e (3) Vivendo e desafiando normalidades alternativas: o *outsider* inserido. A análise desses elementos compreendem as primeiras três partes do trabalho, na quarta nós refletimos sobre o que elas significam para a manutenção do engajamento político. Como dito anteriormente, relataremos os elementos decisivos das nossas histórias de vida parcialmente de uma maneira convencional de análise etnográfica, isto é, trocando os nomes dos narradores e falando sobre eles na terceira pessoa. Esse tipo de distanciamento ajuda a refletir sobre histórias de vida mais sucintamente. O nome da narradora da Alemanha (Nora Räthzel) será Anna, e da narradora da Argentina (Diana Mulinari), Clara.

Nós começamos nossa investigação como um diálogo entre nós: duas sociólogas estudando na Suécia, uma nascida na Argentina, ativista política forçada ao exílio na metade dos anos de 1970, a outra nascida na Alemanha ocidental, ativa em um partido de esquerda e posteriormente em políticas feministas e antirracistas. Nossos diálogos tomaram diferentes formas: primeiro, entrevistamos uma a outra. No segundo passo, cada uma ouviu diversas vezes a gravação contendo a história de vida da outra e fizemos uma lista dos temas considerados importantes de serem analisados. Posteriormente, nós discutimos essa lista e algumas análises preliminares. Em um terceiro momento, nós escrevemos um rascunho do artigo, cada uma escrevendo sua parte. Todo o rascunho foi então comentado e reelaborado diversas vezes por cada uma de nós. Enquanto fazíamos isso, seguimos a regra de que as análises e interpretações

foram realizadas na história da outra, e não nas suas próprias histórias.

Como foi explicado acima, neste sentido nosso texto não é diferente de qualquer outro trabalho qualitativo de escrever e analisar uma história de vida de um entrevistado desconhecido. De qualquer maneira, como somos amigas e colegas de trabalho esse processo de tentar entender a história de vida da outra influenciou nossa relação atual de várias maneiras interessantes. Nós consideramos que um incidente, no qual o passado resvalou sobre o presente, foi especialmente interessante porque nos mostrou como nossas posições sociais adquiridas através das nossas histórias de vida são salientes no presente e moldam nossas relações. Portanto, nós interrompemos as narrativas sobre o passado em um momento desse trabalho com duas versões de uma história do presente. Esse conflito que recontamos aconteceu enquanto apresentávamos a primeira versão desse trabalho em Roma. Nós marcamos as duas versões da história escrevendo a versão da Diana e a versão da Nora em fontes diferentes.

Infância e aprendizado das diferenças: a formação do informante externo

Em suas memórias de infância, ambas narradoras frequentemente focam suas experiências de serem diferentes. Ambas são enviadas para escolas especiais: Anna, crescendo na Colômbia entre os 4 e 10 anos de idade, é mandada para uma escola norte-americana, enquanto Clara frequenta uma escola britânica na Argentina. Aos 12 anos, o pai de Clara sente que sua filha está se tornando uma menina britânica de classe alta e decide mandá-la para uma escola argentina. Quando Anna está com 10 anos, sua mãe se divorcia de seu pai e retorna com ela para a Alemanha Ocidental. Ambas as garotas estão agora em escolas “normais” conforme seus contextos nacionais. Mas a essa altura elas já haviam sido ‘contaminadas’ pela sua imersão em outros mundos. A escola que Anna havia frequentado na Colômbia era ao mesmo tempo elitista e diversificada. Alunos bolsistas de diferentes nacionalidades e de diferentes classes sociais, por meio de bolsas de estudo, frequentavam a escola. Clara se lembra de que na sua elitista escola britânica vários professores corporificavam uma forma de feminismo liberal que era muito diferente das visões de gênero argentinas. De forma mais vívida ela relembra uma sensação de ser diferente⁶:

⁶ Forma de transcrição: “(…)” significa palavras deixadas de fora. “...” significa uma pausa longa.

Eu acho que minha primeira sensação de ser diferente vem de lá. Primeiro, porque eu tinha o único sobrenome que não era inglês. (...) e lá (...) eu me tornei muito amiga (...) de uma menina, cujo nome era Raquel, que mais tarde se tornou médica e desapareceu. E ela é judia, e nós apoiamos uma a outra. E lá, na hora do almoço, (...) foi, vamos dizer, a minha primeira experiência com a diferença. Eu nunca esquecerei que tinha um jogo (...) que era tipo um círculo que eles faziam e cantavam uma música, e eu perguntei a Raquel, você quer brincar? E ela disse, “não, não, eu não jogo esse jogo, porque esse jogo, essa canção é uma canção que eles cantavam quando eles mataram todos os judeus”. Uma coisa que eu nunca, nunca vivenciei de novo, eu nunca mais ouvi isso de ninguém. Mas bem, isso foi de uma forma... que eu ainda me lembro de como ela disse isso para mim. Mas além disso, eu nunca a vi de novo. Nós nunca mais nos vimos depois disso. – Até que idade você conviveu com ela? – Até os 12. Isso significa que ela foi extremamente importante para mim. Mais tarde ela decidiu ir para a Escola Nacional de Buenos Aires, que é uma escola pública com um status muito alto, e (...) nós nos mudamos para outro bairro. Por isso, eu deixei de vê-la. Que ela decidiu ser uma médica é algo que eu fiquei sabendo pela minha mãe. E então, que ela desapareceu porque ela estava nas listas (dos desaparecidos políticos N.T.). Mas ela foi muito, muito importante.

Essa passagem contém duas histórias, uma história central e uma história dentro da história. A primeira é introduzida com a noção de diferença em relação ao grupo dominante de alunos, expressa pelo seu nome não inglês, algo que ela tem em comum com sua amiga Raquel. Essa parte termina com uma descrição dualista de Raquel: “Ela é judia” estabelece uma diferença, enquanto “nós apoiamos uma a outra” comprova solidariedade. A história seguinte dentro da história é então introduzida com a mesma declaração que deu início à história principal. Desta vez, no entanto, a “primeira experiência de diferença” se refere à relação de Clara com Raquel. A recusa de Raquel em brincar em um jogo comum abre uma lacuna entre ela e Clara, o que a posiciona do lado da maioria, enquanto Raquel fica do outro lado, em um país incompreensível, no qual Clara, desde então, nunca mais foi capaz de entrar. É assim como interpreto sua alegação de que, daquele momento em diante, ela nunca mais viu Raquel outra vez. Clara explica sua separação por causa da mudança de escola. Mas parece improvável que a mudança aconteceu exatamente depois do evento narrado. A justaposição dessa experiência e a perda de contato poderia também ser interpretada como a expressão do rompimento de uma proximidade que foi construída a partir de uma experiência unilateral de similaridade. Isso pode significar que elas nunca mais se viram outra vez, o

Comentários ou perguntas do entrevistador estão em itálico.

mesmo ocorrendo em relação à maioria. Seus nomes diferiam dos da maioria, mas de formas diferentes: enquanto o nome de Clara significa a história de migração para um país apropriado por seus ancestrais, o nome de Raquel expressa a história de um povo que nunca pode se apropriar totalmente do espaço nos países para os quais eles migraram. Seus espaços foram invadidos, eles próprios assassinados. Da maneira como essas duas histórias são contadas, pode-se deduzir que ambas as garotas foram capazes de ensinar uma a outra como ser diferente, protegendo-se de sentimentos de inferioridade. Ao mesmo tempo, através de Raquel, Clara pode ter se tornado consciente que de alguma maneira ela *pertencia* à normalidade dominante e que isso também implicava estar presa aos seus horrores.

{Nós estamos contando nossas histórias passadas através do prisma de nossas atuais visões, que são por sua vez o resultado de nossas experiências anteriores. Ninguém pode evitar esse processo de reconstrução retrospectiva. Ao mesmo tempo, tentar dar sentido ao passado pode também fornecer uma chave para entender como nós agimos, sentimos e pensamos no presente. Ao analisar mais profundamente a relação de Clara com Raquel, surgiu uma pista para entender um conflito entre as duas narradoras e como elas, 'Nora e Diana', agem hoje: após apresentar uma versão resumida desse trabalho em uma conferência, nós fomos questionadas sobre o que sentimos vindo da América Latina para a Europa. As diferentes perspectivas de Diana e minhas começaram aqui, porque assim Diana se lembra de tal questão: como você se sentiu sendo exilada da América Latina? Ao que ela respondeu: "ela (referindo-se a mim) não vem da América Latina", e prosseguiu descrevendo analiticamente sua experiência de exílio. Eu me senti um pouco triste, porque, apesar de eu não alegar 'ser' latino-americana, eu realmente acredito que o fato de eu ter passado uma parte importante da minha infância lá constitui parte de quem eu sou hoje. Assim, andando pelas lindas ruas de Roma, eu disse, meio que de brincadeira, "você me privou da minha identidade latino-americana". Eu esperava alguma brincadeira como resposta, mas ao invés disso Diana respondeu seriamente que eu não era latino-americana, eu não tinha amigos lá, nunca mais havia voltado, não era tratada como latina na Suécia, que eu podia escolher se eu quisesse afirmar ou não essa identidade, enquanto latino-americanos não podiam e sempre foram tratados como estrangeiros na Europa, não importava o que eles pudessem escolher ser.

Eu venho trabalhando com questões sobre racismo o tempo suficiente para saber que não depende dos marginalizados se reposicionarem como pertencentes à maioria e que não há nada mais patético do que alguém que pertença à maioria tentar se definir como marginalizado. E aqui eu estava fazendo justamente isso. Por outro lado, porque eu não poderia me ater à minha infância como algo precioso, como parte do que eu sou? Eu acho que a resposta reside na relação da Clara com sua amiga judia: Diana e eu nutrimos um tipo similar de amizade vulnerável hoje, mas Diana está do outro lado desse (des)equilíbrio de poder hoje. Nós compartilhamos uma experiência comum de sermos diferentes daquilo que é construído como normalidade em nosso presente e em nossos contextos passados. Mas nós também estamos diferentemente posicionadas nas relações de poder do país em que vivemos hoje. Nós não podemos simplesmente desfazer essa diferença através da nossa amizade e convicções políticas compartilhadas. Não há uma reivindicação inocente por qualquer ‘identidade’ ou posição social; todas as posições são sempre partes do sistema de relações de poder. Elas ameaçam dividir não apenas amizades individuais, mas também feministas com posições diferentes que tentam trabalhar juntas. De qualquer forma, na medida em que somos capazes de entender essas contradições, devemos ser capazes de recriar constantemente essas amizades vulneráveis e solidariedades. Afinal, nós temos nos visto desde esse episódio em Roma. }

[Ao ouvir pela quinta ou sexta vez a história de vida da Nora, eu me senti mais e mais culpada com a minha reação durante a conferência em Roma. Eu acredito que tanto eu quanto Nora estávamos (e estamos) de acordo até certo ponto sobre o que estava em jogo quando eu respondi “não” àquela pergunta colocada por um dos participantes no nosso workshop, o qual que queria saber se nós duas éramos da América Latina. Eu não apenas respondi ‘não’ para a pergunta (uma resposta que foi dolorosa para Nora), mas eu também reforcei a resposta argumentando em termos muito ‘racionalis’ (enquanto discutia minha resposta em particular com a Nora depois do seminário) o porquê dela não ser uma de ‘nós’. Para minha defesa por ter ativamente excluído Nora de uma identidade que ela vivenciou fortemente como dela, cabe dizer que na conferência estavam presentes vários colegas da Argentina trabalhando com questões de Direitos Humanos. Ser latino-americana nesse contexto implicava compartilhar uma história de repressão política e sofrimento, uma história de rupturas

das quais eu senti que Nora fora protegida. Mais adiante argumentei que ela também não era uma de ‘nós’ no exílio e na diáspora, porque o que quer que seja que ela sentiu “ser”, sua atribuição identitária enquanto Européia ‘branca’ forneceu localizações específicas (privilegiadas) que a colocaram e sua vida à parte do ‘nós’, que eu fortemente reivindiquei como meu. Eu me lembro de Nora aceitar meus argumentos, mas afirmando seu direito a uma identificação subjetiva e desafiando (corretamente) o meu direito de definir limites de pertencimento.]

De qualquer maneira, ouvindo cuidadosamente sua voz naquele gravador o sentimento de ruptura, de deixar o lar, de perder o lar que é tão central nos discursos de exílio, é tão forte na Anna criança, quando ela foi afastada dos seus amigos e lugares na Colômbia, quanto é para mim quando fui forçada ao exílio na juventude. A violência na ruptura é resumida em uma imagem:

Para mim foi uma aventura (...) minha mãe disse que se eu não gostasse da Alemanha nós poderíamos voltar. (...) E nós fomos. E o que eu sempre vou me lembrar é que, eu tinha um cachorrinho, que sempre estava comigo e latia para os cachorros maiores quando eles chegavam perto, e ele estava correndo atrás do carro, correndo atrás do carro. E eu sou tão estúpida que, até agora, quando eu me lembro dessa imagem, eu me sinto triste.

Não é só a Anna que se comove com essa imagem mais de 40 anos mais tarde. Todos que já foram forçados a vivenciar separações violentas podem se identificar e se encontrar nessa imagem; uma imagem que fixa o momento de ruptura, sem volta. Pelo fato de nós vivermos em uma sociedade onde crianças continuam a ser definidas como humanos incompletos, faltam estudos sobre as experiências de exílio vividas por crianças. Anna foi forçada a deixar a Colômbia, um lugar em que a criança, que ela era, vivenciou como lar. Nesse sentido, há similaridades entre a experiência de descolamento na infância e a experiência adulta de migração e exílio.

Como podemos compreender as memórias de infância da Anna sobre a Colômbia? Sem dúvida, as experiências de uma criança (não judia) de origem ‘branca’ alemã cujos pais se mudaram de uma vida estruturada pelas limitadas oportunidades econômicas na Alemanha para o ‘sonho’ de um futuro melhor na Colômbia no início dos anos 1950, devem ser entendidas como sendo o cruzamento entre encontros coloniais e formações de classe globais. Ou seja, através da localização especial que “Europeus brancos pobres” incorporam no contexto de dominação colonial/imperialista.

Esta localização especial (de gênero) foi mais explorada na literatura pela autobiografia/ficção de Doris Lessing (1997) e Margaret Duras (1986, 1994) (entre outros) do que pela pesquisa social. Anna nos fala muito pouco sobre como este encontro colonial específico foi vivenciado pelos seus pais. É a ausência deles que ela registra na maior parte do tempo.

No entanto, paradoxalmente, as memórias de infância da Anna são de união. Memórias nas quais tanto adultos quanto colegas lhe fornecem um sentido de self, lhe ensinam a ver vários mundos diferentes. Teorias sociológicas sobre socialização que focam na interação pais e filhos geralmente marginalizam a centralidade de pessoas significativas, incorporando visões de mundo alternativas na construção da subjetividade, uma subjetividade que, na narrativa de Anna, é altamente conectada às relações de poder embutidas na(s) língua(s) que falamos, esquecemos, aprendemos e amamos:

Como você se lembra dos seus pais? Que eles nunca estavam lá. Nós tínhamos uma empregada e eu brincava com ela. E dois amigos alemães, que eram judeus, o que era irônico porque meu pai era muito fascista. Ele me contava orgulhosamente sobre ter estado no exército, sobre ter estado na Noruega. Eu fiquei com uma babá colombiana e esqueci todo meu alemão. Quando minha mãe tinha mais tempo, eu já não falava mais alemão. Minha mãe diz que ela tinha que falar espanhol comigo.

Poderia ser correto descrever os pais de Anna *outsiders* privilegiados na sociedade colombiana? Mesmo nunca terem se tornado ricos (o projeto econômico mais importante da família era um restaurante próximo da cidade, gerenciado com bastante sucesso pela mãe da Anna), o fato de serem europeus e brancos deu-lhes uma posição de classe privilegiada que era inacessível para eles na Alemanha. Parece que, entre um pai violento e uma mãe em batalha econômica e emocional por sobrevivência, a identificação com a Colômbia como lar deve ser entendida em função do forte vínculo de Anna com muitas outras significativas pessoas. A senhora na cozinha (mesmo que ela não tenha nome na narrativa) parece ser um dos vínculos afetivos mais fortes de Anna. É nas cozinhas da Colômbia que Anna aprende não só a responder perguntas sobre a vida e a morte, através da religião como espaço de sustentação, mas a construir perguntas e encontrar respostas contrárias à visão de mundo de seu pai (autoritária é a palavra que Anna, como narradora adulta, usa para descrever seu pai). Uma menina crescendo entre as promessas do Cristianismo popular e o amor romântico do Caribe, de

um lado, e a experiência de um pai violento, que a ‘educava’ sistematicamente por meio de estratégias que tinham como intuito desvalorizar conhecimentos diferentes, de outro:

O padre na escola nos deu diferentes presentes: um pequeno Jesus, (...) e eu gostei da história de Jesus, mas meu pai me disse um dia que não havia paraíso (paraíso e céu sendo a mesma palavra em espanhol, DM), que o que víamos lá em cima era apenas ar. Eu não acreditei no meu pai, mas sim na mulher da cozinha, que me contava histórias sobre Jesus.

Eu espero ter sido capaz de fornecer, por meio dessas ilustrações, um entendimento de quão central aquele lugar, que alguns de nós ainda chamam de América Latina, foi para Anna; especialmente em termos de aprendizado em formar vínculos e desenvolver interações com diferentes grupos de pessoas. É sem dúvida na Colômbia que Anna aprende a fazer o que a filósofa feminista Maria Lugones define como viagem entre mundos: ao frequentar a escola no cruzamento do ‘desenvolvimento’ da América e dos mitos nacionais colombianos, Anna aprendeu também que coisas como “verdade” são territórios contestados.

Como era seu nome? Bolívar, Simon Bolívar, herói da libertação latino-americana, um cara fantástico para nosso professor colombiano de história. Nas aulas de inglês do professor norte-americano, ele (Simon Bolívar) era um bárbaro, um criminoso. E eu me lembro disso vividamente. Não que eu achasse que a verdade fosse relativa, mas, bem, que os professores e suas assertivas eram questionáveis (...).

Mas as memórias de infância da Anna são também memórias de deslocamento. Certa vez, quando menina, jogando futebol, usa a palavra “pendejo” (idiota) em relação a seu parceiro de time, o jardineiro, que era um jovem adulto. Nessa ocasião seu status mudou de jogadora de futebol para filha do patrão e é, por causa desse último status, que o jovem na sua condição de trabalhador vivenciou a palavra como insulto. Anna se lembra que o jardineiro tentou encontrar um trabalho novo, mas foi forçado a retornar aos pais dela para pedir emprego. A maneira como Anna conta sobre o evento evidencia que ela se lembra da dor e da confusão que sentiu como criança. O que aconteceu entre Anna e o jardineiro? Que intersecções de gênero, classe e etnicidade permitiram a Anna jogar futebol (transgredindo normas de feminilidade e limites de classe) e sob quais circunstâncias essas intersecções fizeram ambos, o jardineiro vulnerável na sua condição de trabalhador e Anna, insensíveis aos códigos de (classe) feminilidade hegemônicos na sociedade colombiana?

Essa narrativa mostra que os pais de Anna, apesar das suas posições

privilegiadas como europeus ‘brancos’, não tinham o capital cultural para mediar códigos de gênero apropriados, em que limites entre pessoas de diferentes classes e etnicidades são centrais. Paradoxalmente, no que poderia ser descrito como um encontro colonial, os pais de Anna não pareceram ter mediado as formas de percepção arrogantes pelas quais a feminilidade de classes superiores se realiza dentro de regimes de gêneros altamente estruturados por classes na América Latina.

Tornando-se politizada: normalidades alternativas

Ninguém vem ao mundo sendo normal. Por meio de inúmeras práticas diárias que vão desde sanções a grupos de pares até a disciplina dos sistemas estatais, os indivíduos aprendem a se ajustar e a internalizar a normalidade dominante. Mas, enquanto existe uma noção dominante de normalidade, há também vozes dissidentes e identificações alternativas. Clara lembra que quando mudou da escola britânica para a escola argentina, havia outra dimensão que a fazia sentir-se diferente dos outros colegas. Dessa vez não foi seu nome que a fez diferente, mas a maneira pela qual ela falhou em representar a posição de sujeito de uma feminilidade dominante. Clara se lembra:

Por um lado eu lia, mas agora eu havia ido para essa escola aonde havia mais uma vida em grupo (...) e lá eu percebi, que eu não pertencia à categoria de meninas que os meninos gostavam. Eu achei que isso era triste, eu fui me tornar amiga deles, e minha intelectualidade se desenvolveu mais. (...) Naquela escola eu aprendi que existia uma ideia da “loira” e eu era morena, com olhos pretos.

É interessante como essa observação sobre a falta de traços femininos desejáveis está presente em duas frases que se referem ao que é geralmente construído como uma oposição à feminilidade adequada, no caso, a leitura (que se refere aqui a livros sobre cristianismo revolucionário) e a intelectualidade. O dano de não pertencer ao local ao qual alguém ‘naturalmente’ se encaixa é amenizado pela referência de uma posição social alternativa que estava disponível para Clara. A diferença entre a posição social como objeto de desejo masculino e a posição social de amiga dos homens/garotos e uma intelectual consiste em que a primeira requer (ou parece requerer) ‘traços naturais’ que alguém pode ter ou não (o que classifica-se como beleza feminina), enquanto a posição alternativa pode ser ocupada por meio dos atos de cada um (claro, observando mais de perto como Haug e outros colegas fizeram em 1984, descobriríamos logo o enorme

trabalho e conhecimento que se dá em se tornar desejada). Talvez surpreendentemente, se alguém pensa sobre etnicidade como algo que é construído apenas na presença imediata de um ‘outro etnicizado’, gênero e ‘raça’ são interconectáveis na definição de beleza feminina. Na escola argentina seu nome não vai significar uma diferença ‘étnica’, mas a maneira pela qual a beleza é definida no contexto de um sistema colonial/ imperial global, no qual a brancura é o ideal. A noção de “loiro/a”, tal como é definida dentro dos limites nacionais, pode também conotar pertencimento de classe. No entanto, quando Clara entra na escola argentina, ela sentiu que a escola era diferente de tal modo que ela poderia se tornar parte dela: “Aqui a des-identificação com a escola era central para se tornar parte de um grupo. E eu gostei muito disso”. As amizades continuam a fornecer espaços de aprendizado e desenvolvimento de alternativas para Clara:

Na escola nós tínhamos algo chamado de “educação cívica”, e discutíamos sobre isso. Quando eles nos faziam recitar alguma coisa sobre a constituição argentina, alguns de nós se recusavam, e é assim que grupos diferentes se desenvolveram, porque era esquizofrênico o fato que eles ensinavam democracia em meio a uma ditadura. (...) Eu devia estar no terceiro ano, e alguns jovens ingressaram na escola, cujos pais haviam lhes mandado para lá para que pudessem estar junto de pessoas normais. Eles eram três filhos de intelectuais de esquerda, muito famosos, que estiveram em Cuba. Foi assim que eu conheci a filha de uma escritora argentina muito famosa e construí uma amizade muito íntima com ela. Nós a chamávamos de Patti (Empadinha) porque ela era imensa, imensa. E ela era muito mais desajeitada que eu, e isso significa algo. E ela gostava de vir até minha casa porque ela nunca havia visto uma casa que fosse tão normal quanto a minha. A mãe em casa. E eu achava que ela era fantástica, seu pai havia estado em Cuba, seus pais era separados, o que eu achava – nossa! (...) Eles fumavam maconha com sua mãe em casa. (...) E o primeiro livro do Che, O Socialismo e o Homem em Cuba, foi a Patti que me deu. (...) E então ela me emprestou Fanon. Bem, aqueles foram meus primeiros dois livros. (...) E aqui, sim, aqui nós começamos a discutir de forma mais política o que estava acontecendo no país, e, vamos dizer, foi como nós nos transformamos em um grupo de pessoas politicamente interessadas, mas não militantes, eu tinha 14 anos de idade naquela época.

A narrativa gira em torno das imagens de normalidade e do exótico. Enquanto na escola britânica de Clara ser diferente era um “problema” individual, a nova escola dava espaço para que ela se identificasse com outros através da des-identificação com as regras da escola. A descrição da Clara sobre o que ela gostava da fantástica novata Patti mostra que isso é, como no caso da Raquel, a simultaneidade da semelhança e diferença

que a atrai. Assim como ela, Patti não encarna as formas sancionadas de feminilidade, mas diferentemente dela, a vida de Patti é cheia de diferenças culturais e políticas que desafiam a normalidade dominante.

Ao mesmo tempo, os pais desses jovens pertencem a uma classe mais alta (como era no caso da Raquel). Ironicamente, práticas de resistência, que tem como objetivo desfazer o sistema injusto de classes privilegiadas, estão ligadas aos prazeres derivados desses privilégios. Essa contradição pode funcionar de ambas maneiras. No caso de Clara as estruturas ideológicas dominantes produzem sua própria contra-cultura: ou os indivíduos não estão funcionando da maneira como eles deveriam (professoras feministas na escola britânica) ou as representações oficiais do mundo contradizem as experiências das pessoas (“esquizofrenia”). Tais incidentes constituem rupturas dentro das estruturas dominantes que fornecem um espaço para conceitos alternativos. O fim dessa sequência nos deixa com a informação de que o que foram atos casuais de dissidência e discussão política finalmente se condensaram em uma formação mais estável de um grupo político.

O processo de politização da Anna se desenvolveu muito mais devagar. Para entender esse processo melhor, vamos permanecer um pouco mais no período da sua infância, observando o momento quando a mudança mais drástica acontece em sua vida. Deixar a Colômbia foi para Anna um processo de des-localização violenta, uma forma de des-localização que Eva Hoffman (1991) capturou brilhantemente no título do seu romance: *Lost in Translation: a life in a new language* (Perdida na Tradução: uma vida em uma nova língua N. T.). E é através da língua que as primeiras memórias de Anna sobre sua situação de ser re-localizada naquilo que era considerado como sendo sua terra natal “verdadeira” é contado:

Eu troquei cartas com meus amigos e com as pessoas que trabalhavam na cozinha. Mas quanto mais eu aprendia alemão, menos eu podia escrever (...) Eu não podia mais ler o que eles escreviam.

Deve existir uma conexão entre a fluência com a qual Anna se expressa em espanhol hoje e as memórias de dor, de não ter sido capaz de entender e de comunicar-se com pessoas que ela amou no passado. Mas a experiência de migração da Anna não é apenas uma experiência de mudanças relacionadas à migração, mas também uma experiência de mudanças tanto no status familiar (o divórcio de seus pais contribuiu para a decisão de deixar a Colômbia) quanto na posição de classe:

Nós éramos muito pobres (...) minha mãe tinha um emprego que pagava 400 marcos alemães por mês e o quarto em que vivíamos custava 250. Essa foi a mudança. A pobreza, o frio, a escola, e aquele racismo terrível.

A apresentação do *self* adulto na história oral é geralmente negociada com a criança, o *self* jovem. Ana evoca uma adolescente que está reagindo através do desenvolvimento de estratégias para se defender de um ambiente hostil. Algumas estratégias foram baseadas em agir de acordo com outros corpos, em um contexto onde Anna aprende a diferenciar seu corpo (feminino) dos outros corpos (femininos) e diferenciar seu corpo (não germânico, em luta) de outros corpos (normais, civilizados):

Havia esse racismo e essas meninas, que eu odiava e quando eu bati nelas elas reclamaram para o professor, que disse: agora nós estamos em um país civilizado, não mais na selva (em inglês). Aqui nós não brigamos. (...) Eu pensei: eu estou certa (...) eu tenho o direito, e eu achei que isso foi muito injusto (...).

Nessa memória em que o professor está tentando salvá-la (apesar de tudo ela é considerada parte da nação) das influências da “cultura primitiva”, à qual ela esteve exposta quando criança, Anna foca não apenas em como ela estava reagindo contra isso, mas nos seus esforços em entender o que estava acontecendo com ela e com os outros através de um código moral bem desenvolvido. Na narrativa nota-se que Anna se recusa ativamente a negociar uma identidade em que o seu direito de pertencer é definido pela sua aceitação de des-identificação com o local que ela amou como um lar. Muitas das memórias de Anna são relacionadas ao corpo e ilustradas pela negociação de relações de poder na escola:

As meninas brigavam de forma injusta (...) Eu continuei brigando com elas (...) Eu sempre senti que, eu não era alemã, eu não tinha nada a ver com elas (...) e elas pareciam tão chatas para mim, sempre vivendo na mesma casa, toda sua infância. Eu me senti estranha com aqueles normais: (...) Eu senti, isso é porque eu tenho uma experiência de vida que eu posso escrever histórias e elas não podem (...). Elas me chamavam de “a americana” e eu era gorda mas forte. Com os garotos, eles eram terríveis, mas havia apenas uma briga e era só isso. Mas as garotas, elas puxavam seu cabelo, elas sempre voltavam.

Anna nos conta também sobre a diferença que ela vivencia entre os corpos femininos e masculinos. Enquanto era difícil com os garotos, com as garotas era muito pior, elas brigavam de formas “injustas” de acordo com ela. Construir uma identidade como *outsider-inside* implica um processo de exclusão de várias formas de

pertencimento e identificar-se ativamente com os outros. Enquanto Anna fala sobre a categoria de garotas com distanciamento e desconfiança, ela foi capaz de forjar laços com outras garotas ('diferentes?').

Eles tinha escrito "fora judeus" nos muros. Ainda havia muito anti-semitismo. Para ela (uma amiga judia) isso era horrível. Nós também nos tornamos amigas, nós éramos as duas outsiders, a americana e a judia.

Esta é a voz de uma garota (colombiana) recém-chegada, vindo para a normalidade de uma Alemanha pós-guerra, e essa é a voz de uma garota construindo laços de solidariedade com outros *outsiders*, entendendo claramente (apesar da sua falta de socialização política) que a mensagem no muro ameaçava também a ela (ou quem ela queria se tornar). Essas experiências de não pertencimento e de racismo são centrais no processo de Anna em se tornar um sujeito político (de gênero).

Durante a recordação dessa história de vida, a memória de Anna sobre esse evento ocorreu durante um diálogo sobre a narrativa de Clara a respeito de uma de suas melhores amigas da escola primária que se identificava como judia. Teria Anna se lembrado desse evento se ela não fosse lembrada por esse contexto? Provavelmente, porque o impacto desse evento se reflete no seu diário na época. É o primeiro registro no seu diário, em 1960, quase dois anos depois dela ter "retornado" à Alemanha. Anna tinha então 12 anos de idade:

'Nós somos todos humanos'. Ontem a aula terminou às dez para uma hora. Não faz muito tempo, uma garota nova entrou na nossa classe. Ela era francesa. Ela não era católica ou protestante como nós, mas judia. Quando nós fomos para casa ontem, havia uma garota parada na frente do portão, rabiscando o muro com as palavras: "fora judeus!". A garota francesa viu aquilo e seu coração se encheu de tristeza, ninguém sabe o que ela sentiu naquele momento. Eu disse: "Nós temos que ir para casa". Ele se afastou e foi embora comigo. Durante todo o caminho para casa ela estava em silêncio. "Como foi na escola?" eu perguntei com o intuito de distrair seus pensamentos. Ela não respondeu. O que ela poderia estar pensando em seu coração? Eu achei que foi cruel e maldoso escreverem aquelas palavras. Nós somos todos seres humanos, eu penso, sendo judeus, protestantes ou católicos.

No diário a história é contada de maneira diferente do que nas recordações de Anna mais de 40 anos depois. Nesse texto Anna não é mais a "americana"/forasteira. Ela claramente se posiciona como pertencente, ela fala sobre "nossa classe" e sua primeira descrição da garota nova é que ela não é como "nós", e o "nós" é definido pela

religião. As palavras no muro abrem um mundo para Anna, mas também uma posição diferente. Ela não é uma estrangeira (mesmo podendo se identificar com o sentimento da garota judia pelo fato dela ter vivenciado a dor de não ser aceita), mas uma insider que toma ações e uma posição moral ao tentar proteger e confortar sua nova colega de classe. O título também é interessante porque ilustra como as ideias universais, a noção central dos seres humanos em termos de igualdade humana, são para muitos jovens uma das primeiras formas de nomear a injustiça.

A primeira memória de Anna sobre o mundo político mostra como ela se engaja devagar mas intensivamente em se tornar “alemã” ao contestar as representações da Alemanha, exigindo visões alternativas:

Em 1967 uma série de leis foram aprovadas para que a Alemanha recuperasse mais sua soberania nacional: um grupo de emergência formado por parte do governo e do parlamento tomaria decisões políticas no caso de um conflito armado ou em outros casos de emergência, e não os aliados, como as leis haviam estipulado anteriormente. Nós éramos contra isso porque pensávamos que a maioria dos políticos eram fascistas... e foi nesse contexto que nós começamos a discutir quem éramos e qual era nossa história. Por exemplo, nós tínhamos um presidente naquela época, que como arquiteto tinha participado da construção de campos de concentração. E agora nos anos 60, ele foi visitar a África e começou seu discurso dizendo: “Estimados senhores e senhoras, estimados negros”.

Enquanto os espaços de politização que Anna identifica são a escola (onde ela trabalhou com teatro alternativo) e a igreja (onde participou de orações contra a guerra do Vietnã), parece que (homens) no papel de professores, padres e ativistas tiveram um papel central na entrada de Anna para o ativismo político:

Você teve muitos amigos, mas para mim, tudo funciona com homens, nosso professor de arte, ele fez várias coisas conosco, nós atuávamos em peças de Peter Weiss e Bertolt Brecht, tudo muito radical... Na escola realizamos alguns intercâmbios internacionais, e através disso eu conheci um cara francês, que era um anarquista, não, do partido comunista, e ele veio me visitar. E nós nos apaixonamos, e eu disse que os trabalhadores não precisavam de muito dinheiro, porque eles não iam ao teatro nem liam livros. E ele disse, pelo amor de Deus, você é uma garota burguesa tão estúpida, você tem que ler Marx, e porque eu gostava desse cara, eu comecei a ler Marx.

Lendo a narrativa cuidadosamente, não é difícil identificar evidências do contrário e desafiar a memória de Anna quando adulta: Anna conta sobre espaços de politização e a importância de grupos de pares na dinâmica para se tornar politizada através da identificação desses grupos na escola e na igreja. Mas a ênfase na narrativa é

clara: enquanto Anna trabalha junto com outros jovens, seu senso de compreensão do mundo se deu por meio da sua relação com homens. No entanto, sua identificação com os homens a fim de conseguir acesso ao que eu acredito que ela poderia definir como “conhecimento”, uma identificação que por vezes pôde ser vivido como “amor”, reforça a autonomia de Anna. Tanto que depois de um tempo ela se torna muito mais ‘politizada’ do que esse homem e termina o relacionamento, e também porque o que Anna esperava dele era o acesso a uma visão de mundo (de esquerda) que em nossas sociedades é controlada e regulada pelo sexo masculino (hétero).

Anna e Clara entram em associações políticas diferentes como resultado de seus próprios processos de politização. Clara torna-se membro de um grupo político militante, Anna entra em um grupo de pesquisa e estudos de esquerda organizado em torno de um jornal. Seus espaços alternativos ocasionais consolidam-se em uma normalidade alternativa.

Nós falamos de uma *normalidade* alternativa com o intuito de prevenir a dicotomia entre o normal e o alternativo. Assim como a dominante, a normalidade alternativa é construída através de regras, hierarquias e ordem. Então por que falar em alternativa? Porque a normalidade alternativa é constituída por outras regras, outras hierarquias e uma ordem diferente definida por baixo. Idealmente, em uma normalidade alternativa da esquerda, hierarquias e repressão deveriam ser substituídas por regras horizontais e democraticamente acordadas. No entanto, entre outras coisas, a experiência de nossa geração nos mostrou que a boa vontade não necessariamente resulta na prática desejada.

Ao tornar-se parte de grupos políticos, nossas narradoras também transformaram suas posições de insider-*outside*. O conceito descreve alguém que é estruturalmente posicionado dentro da normalidade dominante, mas que, por várias razões históricas e individuais específicas, não se integram nessa posição. Nós seguimos alguns passos de Clara e de Anna, partindo das suas experiências individuais de diferença até a formação de um grupo político. Ao entrar e ajudar a criar esses espaços alternativos, Clara e Anna apreenderam ser insiders-*outside*. Elas se tornaram informantes (em seus grupos – marginais) aceitando e participando na criação de leis e regulações de normalidades alternativas. É aqui que elas vivenciam novos problemas de integração.

Vivendo e desafiando normalidades alternativas: o *outsider-inside*

Os relatos de Clara sobre suas atividades políticas são organizados em torno a um número de conflitos dentro dos grupos que ela participou.

As organizações armadas nos educaram, tudo o que as seções armadas acreditavam sobre as coisas, elas aplicavam na gente; nós não tínhamos uma vida normal. O que eu estou dizendo é que as pessoas de 68, que tinham 20 ou 22 anos, quando o projeto político de guerrilha começou, tinham vivido outras coisas, elas tinham dançado, se apaixonado, sido estúpidas, elas tinham vivido coisas, que nós não tínhamos, porque nós nos tornamos militantes muito cedo, dentro de um contexto moral muito sério.

Uma mudança significativa acontece aqui, quando a Clara muda o sujeito de sua narrativa do ativo para o passivo: “Tudo que as seções armadas acreditavam sobre todas as coisas, elas se deram conta conosco”⁷. Isso não é ela fazendo coisas sozinhas ou com outros, isso é ela sendo o objeto das narrativas de outros. Essas construções passivas aconteceram anteriormente apenas quando os pais e professores ordenavam a ela que fizesse algo. Mas então elas foram imediatamente justapostas a histórias sobre atos de resistência. O começo da politização é narrado aqui como uma vida não vivida, uma normalidade de uma vida de juventude impossível. Esse começo, conotando perda ao invés de ganho de um novo espaço, subordinação, ao invés de empoderamento é influenciado pela maneira que a luta foi oprimida e pela reação dos combatentes em relação a essa opressão. No seu relato, Clara estrutura os diferentes desenvolvimentos no movimento quando os contra-desenvolvimentos que finalmente o derrubaram começaram. A expressão “aqui começa” é frequentemente empregada por Clara, procurando pelos pontos de inflexão, onde o que havia começado de maneira esperançosa em alcançar um novo mundo colidiu com algo não só sério, mas ameaçador. Mas existe um momento em que a narrativa das restrições dá uma reviravolta e Clara se lembra dos tempos bonitos:

Ia-se para a escola e se protestava e se discutia e se questionava: porque nós não lemos Pablo Neruda? E eu me recusei a levantar a bandeira, e então tentar organizar as pessoas na escola, e haviam conflitos na escola, e então, alguém foi ao cinema, para ver a Batalha de Argel, (...) que era central, e Fellini claro, e depois Bergman, que nos interpretávamos como revolucionários, especialmente sua crítica à

⁷ Essa mudança do ativo para o passivo parece ser uma característica geral ao se entrar em organizações. Em um contexto totalmente diferente, analisando as narrativas de soldados americanos, Portelli (1997c) faz a mesma observação.

família burguesa, (...) havia toda uma vida cultural, uma grande hegemonia e um projeto de esquerda. Sentia-se como se fazendo parte de algo que estava ganhando, e fazendo parte do normal.

Os belos momentos parecem ter acontecido fora da organização em si: quando a resistência toma parte em um grande contexto e laços podem ser criados através de práticas culturais. Fazer parte de uma cultura que se tornou hegemônica apesar da opressão é fazer parte do normal. O que começou como um espaço alternativo marginalizado parece ser abraçado pela maioria agora. Esta é a transcendência de um separatismo imposto, a fusão com a sociedade em geral que fornece o sentimento de pertencer finalmente. Como sabemos, esse pertencimento é frágil; não vai durar. Mas é durante esses momentos que os objetivos da luta se tornam tangíveis, que a utopia parece real. De modo oposto a isso, dentro da organização Clara vivencia uma tensão entre o compromisso de criar um mundo melhor e as formas pelas quais esse compromisso é realizado. A “vida não vivida” é a vida de uma outra lógica, a lógica do amor e do cuidado. Os momentos vivenciados como momentos de alegria e pertencimento são aqueles onde prazeres individuais e movimento de massa fundem-se em um modo de vida todo novo⁸.

Sua narrativa é quebrada quando Anna fala sobre seu tempo como membro de sua organização de esquerda. Até sua voz muda. Ela fica mais séria, mais reflexiva, mas ainda mais cautelosa. A noção de esquerda como uma prática cultural criadora de novas formas de pertencimento (Therborn, 2000) evolui e a identificação mais forte da Anna é com o ser político no contexto de ser parte de uma geração “radical”. Embora tenha sido corretamente discutido que a construção progressista de 1960 e 1970 através da ênfase nas revoltas estudantis tenha excluído as formas de organização e conflito da classe trabalhadora durante o mesmo período (Ross, 2002), é importante teorizar a relevância de um discurso baseado em um “nós” geracional para a construção de uma subjetividade e pertencimento político por grupos sociais específicos.

Anna nos conta que ela não conseguiu uma posição de pesquisadora-assistente

⁸ Essas poderiam ser as memórias que fornecem as bases para um compromisso contínuo depois do desaparecimento de grupos políticos. Nesses momentos, a narradora pôde sentir que – para usar uma expressão presente – um outro mundo era possível. Se alguém pode se agarrar a esses momentos, a essas experiências, elas podem fornecer a força para lidar com a derrota de maneira produtiva. Membros de Maio de 68 contam sobre seus sentimentos de pertencimento de maneiras similares: “Nos anos de 1960 várias pessoas passaram a perceber que, em uma experiência coletiva verdadeiramente revolucionária o que vem a ser não é uma multidão ou massa sem rosto ou anônima mas, ao invés disso, um novo nível de ser... no qual a individualidade não é apagada, mas complementada pela coletividade” (Ross, 2002: 102)

na universidade por causa de seu comprometimento político que era expresso através de sua participação nas organizações de esquerda. Na narrativa ela não sublinha esse evento (mesmo ela se lembrando dele). Contudo eu acredito que é preciso mais reflexão, porque não é o fato dela ser latino-americana que a torna indesejável, ninguém desafia seu pertencimento à nação. Ainda assim ela continua a estar nas margens, agora por ser politicamente organizada na esquerda:

A palavra negativa que foi usada era “Berufsverbot” (proibição de exercer uma profissão). Quando eu estava para conseguir uma posição de assistente na Universidade eles me perguntaram se eu era membro de um partido. E se você fosse um membro você dizia que a pergunta violava a constituição e não respondia. Então eles sabiam. Eles não me deram trabalho por algum tempo, o que me deu tempo para fazer outras coisas.

Essa narrativa é importante também por causa de outras razões. Dicotomias entre o Ocidente civilizado e o Resto primitivo são construídas através da noção de democracia como um produto cultural que parece faltar ao Resto (junto com o ‘desenvolvimento’). A prática de criar consenso excluindo intelectuais para mediar seus pontos de vista nas Universidades é geralmente ligada a ditaduras latino-americanas. A narrativa de Anna ilustra que ser uma parte ativa e comprometida da esquerda acarretou sérias consequências para escolhas de vida (até mesmo) em países ocidentais “democráticos”.

Porém, a tensão mais séria pode ser identificada na narrativa de Anna sobre sua experiência de estar no centro de uma cultura de esquerda e como o prestígio e o status era altamente regulado e hierarquicamente organizado em um contexto onde existia uma forte ligação entre ser “inteligente” e ser homem:

E eles eram injustos comigo... por que eu tinha a posição de não ser inteligente. Por quê? Bem, eu entendi então que eu vinha de outra classe social, a maioria dos meus amigos veio de casas com vários livros (...) não que eu não tinha lido, mas eu sentia que eles sempre estiveram lendo, que entre eles e eu havia vinte anos de diferença em termos de quando começamos a ler.

Essa é uma narrativa contada sobre como a esquerda (apesar de sua retórica de igualdade) também reproduzia hierarquias de classe e gênero, de modo a criar uma posição subjetiva em que falar (como uma mulher) como um “igual” era quase impossível. Isso também compreende a centralidade da visão autoconfiante em excesso do trabalho intelectual que permeou a cultura de esquerda. A narrativa de Anna contribui

para nosso entendimento sobre a posição ambivalente das mulheres quando tentam definir um espaço dominado pelos homens como um espaço onde (algumas) mulheres têm o direito de pertencer. A identificação de Anna com o desafio intelectual da política (masculina) demanda uma des-identificação contínua com as mulheres como uma categoria. Isso também cria um conflito entre as formas de racionalidade instrumental hegemônica dentro das organizações de esquerda e a ética do cuidado que, apesar dos seus esforços em ser “humana”, posiciona Anna como “mulheres” em um número de conflitos:

Eu lembro muito bem, especialmente a luz, porque era noite e estava chovendo e nós estávamos debaixo de um poste de luz na rua, e ele queria explicar para mim porque eu havia votado errado, quando nós tivemos que votar a favor ou contra a expulsão de um companheiro que queria gastar menos tempo com o grupo e mais tempo com seus estudos. O ponto era que se alguém não estava preparado para dar 100% pela revolução, se alguém não trabalhasse 100%... todos aqueles palavrões como traidor começavam a aparecer. E me disseram que eu tinha votado errado porque me faltava inteligência.

De certo modo, essa acusação foi verdadeira, se alguém define inteligência como a lógica instrumental necessária para alcançar um objetivo, não importa o que custe. Apesar dos contextos diferentes, os aspectos em comum da cultura de esquerda que Anna e Clara vivenciaram foram muitos. Embora viver uma vida organizada pela normalidade alternativa da esquerda forneceu a Anna a possibilidade de acessar conhecimentos empoderadores, também foi um espaço altamente regulado, cujos limites que definiam e moldavam quem era o membro mais valioso se opunham ao próprio entendimento de Anna sobre a noção de justiça em que o cuidado com os outros era central. Uma noção que se posiciona em contraste com a convicção de que o objetivo de alcançar a justiça é mais importante do que as pessoas que trabalham para alcançar esse objetivo. As memórias de Clara de uma insatisfação crescente com a maneira pela qual a luta era conduzida apontam para o mesmo conflito. Isto aparece muito vividamente quando Clara explica porque ela eventualmente decidiu se exilar:

Bem, e aqui é onde a questão começa sobre (...) e eu engravidado (...) todo o debate começou aqui. Havia dois debates importantes, porque estar em um grupo que nós estávamos, isso começa pelas pessoas que viviam em 76, elas viviam quatro meses e depois eles as matavam. E há dois debates importantes aqui, um é, bem, sobretudo há o debate político: era impossível tentar convencer os líderes que talvez alguma coisa estava acontecendo conosco. Não, havia apenas: nós continuamos, nós venceremos, nós estamos vencendo.

Embora no começo os aspectos opressivos de organização pudessem ser menores do que as necessidades de uma batalha que poderia ser ganha, essa interpretação é menos convincente quando a lacuna entre a realidade vivida e o mundo apresentado pelos líderes da organização se amplia. A desintegração da prática política e especialmente das convicções políticas é revivido no jeito que Clara conta esse momento. A linguagem desintegra, frases não podem ser completadas, a clareza da análise cessa. E lá, no meio dessa luta para dar sentido a um mundo em desfalecimento, aonde as pessoas morrem com a mesma certeza de uma lei de ferro (depois de quatro meses), os líderes se tornam incapazes de ver o que é claro para todos, no meio a esse caos revivido, a memória sobre outra experiência, outro evento de repente aparece, as palavras ficam deslocadas no ar, com nenhuma conexão aparente com o discurso político que as envolve: “Eu engravidado”. E ainda assim a história sobre morte e derrota ganha outro significado no contexto dessas palavras. Por um lado, a morte se torna mais ameaçadora; do outro, existe outro tipo de esperança, outro tipo de perspectiva que pode ser formulada numa parte mais ao final da narrativa:

E você começou a não mais acreditar nas histórias de que vocês estavam ganhando, e que todos que haviam partido eram traidores? Não, eu acredito, eu não sei. Sim, eu comecei a acreditar que era impossível, que nós estávamos em uma situação, onde (...) não, eu comecei a sentir que eu não queria morrer. Foi isso. Eu ainda me lembro da sensação daquele dia, quando eu estava na praça com minha filha que era um bebê, e eu pensei: eu não quero morrer. Vamos dizer que, eu acredito que essa foi a sensação que... o pior que aconteceu às pessoas que morreram em 76 era, ... porque talvez quando morriam em 74, as pessoas acreditavam, ninguém queria morrer, mas todos acreditavam. Mas morrer em 76? Pra quê? Eu acho que foi isso, acima de tudo, para dizê-lo (...).

A memória de Clara extrai imagens de um agradável dia, uma praça animada, onde as pessoas aproveitam suas vidas e ela e sua filha são parte dessas pessoas. Mesmo hoje, em suas memórias, parece difícil para Clara defender a vontade de viver em um momento em que tantos estavam morrendo. A lembrança da sensação corporal de querer viver, conectada à vida em uma praça com sua filha, interrompe as considerações políticas e é, por sua vez, interrompida pela memória daqueles que estavam morrendo em vão. Essa memória evoca a diferença entre morte e morte, entre os significados diferentes de morrer em diferentes épocas de uma luta. Torna-se claro como a decisão de deixar a batalha é embasada na conexão inseparável entre um

sentimento que pode ser chamado de pessoal no sentido tradicional (querendo viver para si mesmo e para sua filha) e uma análise política das condições que se tornaram insustentáveis. No fim desse trecho a narradora toma uma decisão e se reconcilia com a sua decisão do passado. A batalha foi deixada, mas não a luta. A posição do dissidente, agora como um *outsider* dentro, foi reapropriada. A luta agora é definida em levar a realidade da derrota às consciências dos líderes e dos outros membros do grupo nomeando-a: “e acima de tudo, para dizê-lo”.

Treinada na experiência de se sentir diferente e dar voz a essa diferença, Clara e Anna decidem em épocas diferentes de suas vidas, em contextos distintos e por razões específicas diferentes, deixar seus grupos políticos. Enquanto ambas são altamente críticas em suas narrativas, a criticidade delas é interna que se distancia de uma *forma* específica de realizar ideais de esquerda e não da análise crítica de esquerda e da visão política da sociedade em geral.

Conclusões preliminares para movimentos transnacionais

Política transversal

Por que Anna e Clara continuam a se identificar com suas subjetividades de esquerda e o que isso significa em termos de suas posições atuais no feminismo, antirracismo, e movimentos por uma globalização alternativa? Sugerimos que uma resposta possível diz respeito a suas incapacidades em se sentirem à vontade com os lugares sociais de privilégio que elas deveriam assumir. A experiência inicial de ser “fora do lugar” criou uma suspeita em relação a uma identificação total com toda posição única. Nós poderíamos sugerir que isso se deveu à viabilidade de um movimento excitante, oferecendo uma normalidade alternativa que tornou possíveis suas escolhas de militância política. De qualquer maneira, essa afiliação não poderia acabar com a suspeita em relação a identidades exclusivas e inquestionáveis. Isso também poderia explicar porque elas se juntaram às fileiras de um movimento político de esquerda ao invés de um de direita: por mais que o pensamento Marxista e socialista tenha sido distorcido e dogmatizado por vezes, este também foi um movimento em que autoridades, verdades eternas e normas conservadoras de gênero foram questionadas.

Pensamento independente e obediência inquestionável, sendo esta última necessária devido aos “tempos perigosos”, se contradisseram, alimentando a sensação de ceticismo e auto-distância que nossas narradoras já traziam consigo. Ambas narradoras são críticas das práticas autoritárias dentro da esquerda, práticas que são conectadas às hierarquias de gênero dentro dos movimentos sociais, tendo elas vivenciado isso nesses termos na época ou não.

Embora os movimentos de esquerda de 1960 e 1970 tenham reagido contra representações estereotipadas de feminilidade e masculinidade, eles também desenvolveram novas normas em que mulheres foram construídas como não comprometidas o suficiente, incapazes de pensar em termos abstratos e priorizando mais o privado e as emoções. Esta é uma segunda tensão que leva nossas narradoras a conflitos, mas que também as possibilita manter uma distância crítica das práticas dos seus respectivos grupos. Claro que isso não significa que homens não pudessem e não fossem críticos em relação a essas tendências, seja por outras razões ou maneiras. Nós acreditamos que é essa distância cética⁹, o conhecimento adquirido inicialmente de que as coisas não são do jeito que dizem ser, que capacitou Clara e Anna a sobreviver à experiência de derrota sem que tivessem que desistir de suas adesões a uma – mutável, mas todavia – posição política de esquerda. Ambas as narradoras são, graças à sua educação, incapazes de adquirir “identidades fáceis” (Said, 1994), identidades que priorizam um pertencimento onde todos os outros estão subordinados. Que tendências hegemônicas dentro da teoria do feminismo e do ativismo de esquerda tenham algumas vezes recorrido a tais identidades fáceis, por exemplo como feministas dominantes contra subordinadas, pode ser parcialmente explicado por uma forma de política baseada em apenas uma forma de pensamento e prática críticos como regra.

Em oposição a isso, políticas transversais, primeiramente desenvolvidas pelas feministas do Bologna’s Women’s Resource Centre (Centro de Pesquisas das Mulheres de Bologna) e posteriormente ampliado por Nira Yuval-Davis (1997), as quais permitem que contradições e tensões entre identificações e projetos antagônicos permaneçam presentes, parecem ser facilitadas pela posição de *insider-outside* (e também de *outsider-inside*). Ao invés de “clientes inconstantes”, tais indivíduos tem maior

⁹ A distância cética tem sido exaltada inúmeras vezes (e.g Said, 1994; Adorno, 1996) como a posição do intelectual. Nosso objetivo aqui é mostrar uma forma pela qual tal atitude é adquirida através das primeiras experiências de diferença.

capacidade de tomar essas contradições como seus “reais” lugares de pertencimento.

Diferenças, similaridades, rupturas, e estabilidades

A semelhança entre as experiências delas nos fornece uma explicação alternativa para um relacionamento de solidariedade e compromisso entre atores transnacionais. Existe uma tripla ironia nisso (1) a semelhança mais impressionante nas vidas de Clara e Anna é a de se sentirem diferentes; (2) isso é causado pelas políticas pós-coloniais de dois impérios anglofônicos; (3) é precisamente esta alienação de seus pertencimentos nacionais que se torna uma das motivações para um projeto de inspiração internacional, mas, em última análise, de base nacional de libertação socialista. Outra conexão entre educação colonialista e libertação nacional é analisada por Benedict Anderson (1991). Dentro de um discurso etnocêntrico essa relação tem sido baseada em diferenças incomensuráveis: políticas dentro do Ocidente (incluindo políticas de esquerda) são definidas em termos de racionalidade e abstrações, enquanto as do “Resto” são compreendidas em termos de paixão e “experiência”. Ainda, as histórias de Clara e de Anna mostram suas distâncias a partir de racionalizações, como também seus compromissos apaixonados em relação às posições políticas que elas escolheram ocupar.

Histórias orais são “um processo de criação de relacionamento entre os narradores e os narrados, entre os eventos no passado e narrativas dialógicas do presente” (PORTELLI, 2003:15). Assim como nós chegamos a entender melhor nossa relação presente ao estudar algo sobre o nosso passado, essas experiências podem também trazer um insight para relações mais gerais. Movimentos “por baixo” para uma globalização alternativa dependem em parte de uma visão histórica na qual já existe a possibilidade de culturas de solidariedade transgredirem limites de classe, gênero, identidade étnica e pertencimento nacional.

Outra reflexão que emerge dessa análise pode ser relevante para o que nós vivenciamos como um *impasse* das políticas e teorizações feministas, ou seja, a maneira em que elas estão atreladas aos debates sobre posicionamentos. Elas são sempre embasadas por uma compreensão semi-teorizada da relação entre atores e estrutura, em que grupos privilegiados são conceituados como receptáculos passivos de ideologias de

poder, inevitavelmente propensos ao racismo, sexismo etc. Sem querer subestimar nossa inserção nos contextos sociais¹⁰, queremos enfatizar a agência, transgredindo o privilégio – e, simultaneamente, a maneira pela qual isso depende de possibilidades políticas disponíveis em um determinado tempo-espço.

Ao narrar as mudanças que romperam em suas vidas, Clara e Anna constroem suas posições de *insider-outside* como uma característica estável. Embora seja uma construção, tal característica guia suas ações e se reproduzem através delas. Sem recorrer a noções de identidades estáticas, nós sugeriríamos completar a ênfase pós-estruturalista nas rupturas com o pensamento e a teorização da simultaneidade da mudança e permanência na maneira pela qual indivíduos dão sentido a suas experiências e organizam suas práticas.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. (1996) in Jephcott, E.F. (1996) trans., *Minima Moralia. Reflections from Damaged Life*, London, New York: Verso.

ANDERSON, B. (1991) **Imagined Communities**: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism, London, New York: Verso.

ANZALDÚA, G. (1999) *Borderlands: La Frontera, with an introduction by Sonia Saldívar Hull*, San Francisco: Aunt Lute Books.

BHAVNANI, K.-K. (2001) **Feminism and 'Race'**, Oxford: Oxford University Press.

BEHAR, R. (2003) **Translated Woman**: Crossing the Border with Esperanza's Story, Boston, MA: Beacon Press.

COCKBURN, C. (1998) **The Space Between Us**: Negotiating Gender a National Identities in Conflict, London: Zed.

COLLINS, P.H. (1998) **Fighting Words**: Black Women and the Search for Justice, Minneapolis: University of Minnesota Press.

DEWS, P. (2004) **'Resituating the postmodern?'** Review of: peter bu'rger: ursprung des postmodernen denkens' *New Left Review*, Vol. 25: 136–144.

DURAS, M. (1986) **The Sea Wall**, London: Faber and Faber.

DURAS, M. (1994) **The Lover**, St Albans: Flamingo.

¹⁰ Pode-se encontrar um exemplo disso em nossa experiência em Roma. Para uma consideração a respeito de tal inserção, ver Frankenberg (1993) e Ware (1992)

FRANKENBERG, R. (1993) **White Women, Race Matters**, New York, London: Routledge.

Haug, F., Andresen, S., Buñz-Elfferding, A., Hauser, K., Lang, U., Nemitz, B., Niehoff, E., Prinz, R., Rañzel, N. and Tomas, C. (1987) **Female Sexualisation**, London, New York: Verso.

HOFFMAN, E. (1991) **Lost in Translation**. A Life in a New Language, London: Minerva.

HOOKS, B. (2005) **Sisters of the Yam: Black Women and Self-Recovery**, Boston, MA: South End Press.

LESSING, D. (1997) **Walking in the Shade**. Volume Two of My Autobiography 1949 to 1962, New York: Harpercollins.

LEWIS, G. (1996) '**Situated Voices: Black's Women's experience and social work**, Feminist Review. N 53 Speaking Out: Researching and representing women' Summer, 24–56.

LUGONES, M. (2003) **Peregrinajes/Pilgrimages: Theorizing Coalition Against Multiple Oppressions**, New York: Rowman & Littlefield Press.

MOHANTY, C.T. (2003) **Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity**, Durham: Duke University Press.

PETRAS, J. (2001) **Left intellectuals and the desperate search for respectability: Accommodation with the status quo**. <http://www.rebellion.org/petras/english/intellectuals170102.htm>, accessed 12th April 2007.

PORTELLI, A. (1997a) **The Battle of Valle Giulia**. Oral History and the Art of Dialogue, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.

PORTELLI, A. (1997b) 'Philosophy and the Facts: Subjectivity and Narrative from in Autobiography and Oral History' in Portelli. A (1997a) editor, **The Battle of Valle Giulia. Oral History and the Art of Dialogue**, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.

PORTELLI, A. (1997c) 'As though it were a story: Versions of Vietnam' in Portelli, A. (1997a) editor, **The Battle of Valle Giulia. Oral History and the Art of Dialogue**, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.

PORTELLI, A. (2003) **The Order Has Been Carried Out**, New York: Palgrave.

ROSS, K. (2002) **May '68 and its Afterlives**, Chicago: The University of Chicago Press.

SAID, E. (1979) **Orientalism**, London, New York: Vintage.

SAID, E. (1994) **Representations of the Intellectual**, London: Vintage, Random House.

SMITH, D. (2005) **Institutional Ethnography: A Sociology for People**, Walnut Creek, CA: AltaMira Press.

STANLEY, L. (1992) **The Auto/biographical I, Manchester**: Manchester University Press.

THERBON, G. (2000) **'Reconsidering revolution'** *New Left Review* 2, March-April, 148–153.

WARE, V. (1992) **Beyond the Pale**, London: Verso.

WALLERSTEIN, I. (1996) **Open the Social Sciences, Report of the Gulbenkian Commission on the Restructuring of the Social Sciences**. Stanford, CA: Stanford University Press.

YUVAL-DAVIS, N. (1997) **Gender and Nation**, London, Thousand Oaks, New Dehli: Sage.